



4º Encontro Internacional de Política Social
11º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Mobilidade do capital e barreiras às migrações:
desafios à Política Social
Vitória (ES, Brasil), 6 a 9 de junho de 2016

Eixo: Classe Social, Gênero, Raça, Etnia e Diversidade Sexual

**POBRE, SUBMISSA E TRAPACEIRA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHER CIGANA
NO BRASIL E NA ITÁLIA**

Mariana Bonomo¹
Giannino Melotti²
Monica Pivetti³

Resumo

Em diferentes contextos e nacionalidades, como Brasil e Itália, inúmeros episódios de banimento e práticas discriminatórias contra integrantes da etnia cigana têm sido verificados, fortalecendo as relações de conflito entre os universos cigano e não cigano. Conhecer a dinâmica constitutiva de tal campo representacional apresenta-se como importante questão a ser explorada para fins de promoção de políticas públicas e programas de intervenção. Espera-se que os resultados gerados possam auxiliar na desmistificação dos estereótipos negativos largamente difundidos no pensamento social hegemônico, núcleo de preconceito e de discriminação social contra essa etnia.

Palavras-chave: Ciganos. Estereótipos. Preconceito. Representações sociais.

**POOR, SUBMISSIVE AND CHEATER:
SOCIAL REPRESENTATIONS OF GYPSY WOMAN IN BRAZIL AND IN ITALY**

Abstract

In different contexts and nations, like Brazil and Italy, numerous episodes of the ban and discriminatory practices against members of this gypsy ethnic group have been verified, strengthening the conflict between the Gypsy and the non-Gypsy worlds. Understand the dynamics of such representational field is considered as an important issue to be exploited to promote public policies and intervention programs. It is expected that the results generated will contribute to assist in debunking negative stereotypes widely spread at the hegemonic social thought, core of prejudice and social discrimination against this ethnic group.

Keywords: Gypsy. Stereotypes. Prejudice. Social representations.

INTRODUÇÃO

Dados históricos revelam que a perseguição a grupos ciganos tem sido registrada ao longo dos últimos séculos, chegando a se configurar como política oficial de extermínio na Europa do século XVI (MOONEN, 2008). Na atualidade, em diferentes

¹ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo e Professora do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: <marianadalbo@gmail.com>.

² Doutor em Psicologia pela Universidade de Bolonha/Itália e Professor do Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Bolonha (Itália). E-mail: <giannino.melotti@unibo.it>.

³ Doutora em Psicologia pela Universidade de Helsink/Finlândia e Professora do Departamento de Ciências Psicológicas, da Saúde e do Território da Universidade G. d'Annunzio, Chieti-Pescara (Itália). E-mail: <m.pivetti@unich.it>.

contextos e nacionalidades, como Brasil e Itália, inúmeros episódios de banimento e práticas discriminatórias contra integrantes dessa etnia têm sido verificados, fortalecendo as relações de conflito entre os universos cigano e não cigano (MENDES, 2015; SIGONA, 2006). Em consonância com essa realidade, no imaginário social contemporâneo o povo cigano tem sido representado a partir de elementos estereotipados, cujos significados têm favorecido a difusão de sua imagem como ladrões, amaldiçoados, sujos e traiçoeiros.

Apesar de não existirem dados precisos sobre o início da diáspora do povo cigano, Lermo, Román, Marrodán e Mesa (2006) informam que os linguistas foram os primeiros estudiosos a indicar a sua origem indiana com base nas similaridades entre o romaní, língua falada pelos ciganos, e o sânscrito. Informam ainda que pesquisas históricas estimam que os ciganos saíram da Índia antes do ano 1000 e chegaram ao Irã entre os séculos IX e X d.C. A partir do Egito, Creta e Peloponeso, entraram no ocidente e se dispersaram através de diferentes rotas.

A história de contato entre ciganos e não ciganos está marcada por manifestações de intolerância e violência: na década de 1920, por exemplo, quando leis pronunciavam ciganos e judeus como “raças estrangeiras” de sangue “impuro” e ameaçadoras ao projeto de pureza racial alemã, os ciganos foram deportados à Polônia, aprisionados em campos de concentração e submetidos, de 1943 a 1945, à chamada “solução final”, com o extermínio de mais de meio milhão de ciganos (FONSECA, 1996; MOONEN, 2011).

A categorização negativa a que os ciganos estiveram historicamente submetidos cristalizou representações e práticas de exclusão dirigidas aos homens, mulheres e crianças das comunidades tradicionais, os quais têm que enfrentar cotidianamente a marca da diferença por uma identidade social considerada inferior ou até mesmo inexistente (BERTI; PIVETTI; BATTISTA, 2013; MENDES, 2008; VENTURA, 2004). A importante questão que decorre dessa dinâmica de identificação é que no corpo das relações sociais macrossociais, os grupos sociais se inscrevem numa complexa rede onde circulam as representações das diversas formas de organização identitária, umas supervalorizadas e outras tidas como marginais ou inferiores.

Na acepção de Teixeira (2008), a reduzida bibliografia produzida acerca dos ciganos, pode ter favorecido o aparecimento de lendas e de crendices a respeito deste povo, que para Moonen (2011), “[...] constituem a minoria étnica menos conhecida, e,

talvez por isso, a mais odiada e discriminada do Brasil” (MOONEN, 2011, p. 5). Apesar da falta de informação oficial acerca das comunidades ciganas existentes no território brasileiro, registros indicam que os primeiros ciganos teriam chegado ao Brasil por volta de 1574, como degredados de Portugal.

As dificuldades relacionadas ao conhecimento preciso do número de ciganos e de sua distribuição territorial também podem ser identificadas em outros países. Em relação aos ciganos da Espanha, por exemplo, Oliván Gonzalvo (2004) informa que as dificuldades se originam nos próprios censos populacionais, impedidos de coletar dados sobre a etnia, tendo em vista a existência de proteção constitucional sobre tais informações; conseqüentemente, não há dados confiáveis sobre a população cigana no território espanhol, apenas estimativas oriundas de estudos regionais. Essa situação afirma um paradoxo: ao procurar proteger os povos ciganos, evitando sua identificação e classificação censitária, impede-se a elaboração de políticas sociais mais realistas, que considerem suas necessidades específicas.

Dados baseados, portanto, em estimativas, sugerem que os ciganos estejam presentes em todos os países, totalizando uma população de, aproximadamente, 45 milhões de pessoas, mais de dez milhões de ciganos apenas em território europeu, segundo a “Unión Romani Internacional”. Embora esta população encontre graves problemas em função do preconceito já cristalizado nas sociedades não ciganas em geral (KAYA; ZENGEL, 2005), as lideranças têm se organizado através de instituições que lutam pela questão cigana, como a *Associazione Italiana Zingari Oggi* ou o movimento *Brasil Cigano*.

Permanece, contudo, o preconceito generalizado e as práticas discriminatórias como principais desafios da questão cigana na atualidade, sendo a mulher cigana um dos principais alvos dessa construção social. No imaginário social, em diferentes países e contextos, são elas, as mulheres ciganas, as representantes do povo cigano em geral; ou seja, a representação social hegemônica se objetiva, sobretudo, na imagem das ciganas, *praticando a quiromancia, amaldiçoando as pessoas, pedindo dinheiro nas ruas, roubando criancinhas*. Quando se pensa em ciganos, a imagem que logo vem à cabeça das pessoas é a da mulher cigana, com suas roupas coloridas, errantes, fazendo leitura de mão e prevendo o futuro. Scholz (2007) argumenta que o preconceito contra os ciganos debruça-se sobre as relações de gênero, ou “critérios sexistas”, e que “na

gestão dos estereótipos correntes, a ‘cigana’ representa ‘os ciganos’ na generalidade” (p. 05), sofrendo um duplo preconceito em função da pertença étnica e de gênero.

Tendo em vista os argumentos apresentados, referenciada pela Teoria das Representações Sociais, a proposição principal do estudo consiste em investigar as representações sociais de ‘mulher cigana’ no Brasil e na Itália como estratégia para a identificação dos elementos presentes no imaginário social não cigano; possivelmente vinculado ao pensamento social hegemônico, o qual tem sustentado historicamente a propagação de estereótipos negativos acerca da categoria étnica cigana, em diferentes sociedades e territórios.

De acordo com Moscovici (1988), as representações hegemônicas são consideradas uniformes, homogêneas, coercitivas e estáveis, amplamente partilhadas pelos membros de um grupo altamente estruturado. Como importantes mediadoras dessas construções sociais, diferentes instituições sociais interveem na reelaboração e difusão dessa modalidade de representações a partir de princípios que já operam nos interesses em jogo naquele contexto, conforme processos de influência social ideologizados pelas históricas relações entre os grupos humanos e o próprio sistema social, político e econômico vigente. Como informa Cabecinhas (2004), as “[...] representações intervêm ainda em processos tão variados como a difusão e a assimilação de conhecimento, a construção de identidades pessoais e sociais, o comportamento intra e intergrupar, as ações de resistência e de mudança social” (CABECINHAS, 2004, p. 2-3). É desta forma que se constroem estereótipos muito precisos e os associam a determinados grupos, que assumem a condição depositária do mal social nas relações sociais estabelecidas (SOUZA, 2008), condição que se aplica aos ciganos (BONOMO; SOUZA; BRASIL; LIVRAMENTO; CANAL, 2010; MOSCOVICI, 2009).

Na condução dos estudos que fundamentam a presente proposta de investigação, utiliza-se como referência à análise da dimensão empírica apreendida a abordagem sociodinâmica da Teoria das Representações Sociais (ALMEIDA, 2009; DOISE, 2002).

O estudo das representações sociais através dessa abordagem tem como tarefa principal a identificação do campo semântico associado ao objeto social, a análise dos princípios organizadores desses significados (estratégia em que se evidencia a variabilidade do campo representacional, segundo a tomada de posição dos sujeitos da representação) e a análise dos processos de ancoragem (BERTI; PIVETTI; MELOTTI,

2008; DOISE, 1992; DOISE; CLÉMENCE; LORENZI-CIOLDI, 1992). Esse último processo, a ancoragem, permite a articulação entre o objeto social tal como construído para determinado grupo, em determinado contexto de interação social, aos sistemas de valores e a construções sociais de pertencimento dos sujeitos.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Com base nos objetivos propostos, o estudo foi desenvolvido com 643 sujeitos não ciganos (324 italianos e 319 brasileiros), com idade média de 22.81 anos (DP=5.73). A coleta dos dados, realizadas na Grande Vitória/Brasil e nas cidades italianas de Bologna e de Chieti-Pescara, foi procedida por meio da aplicação de um questionário nas instituições de ensino superior das referidas localidades.

No total, a amostra é composta por 478 mulheres (256 italianas e 222 brasileiras) e por 147 homens (50 italianos e 97 brasileiros), sendo que 18 sujeitos italianos não declararam o próprio sexo. Sobre a orientação política, medida a partir de uma escala de 7 pontos (1 = esquerda e 7 = direita), a amostra se posiciona, em sua maioria, na categoria *centro-esquerda* (M=3.63; DP=1.4).

O questionário era composto pelas seguintes questões: 1). Dados sócio-demográficos referentes à: idade, sexo, orientação política e nacionalidade; 2). Associação livre para o termo indutor ‘mulher cigana’ (“O que você pensa, sente ou imagina quando eu falo *mulher cigana*?”); 3). Reação afetiva frente aos ciganos (“Entre os sentimentos indicados, quais você sente em relação aos ciganos?”); e 4). Valores psicossociais (“Entre as características indicadas, quais você possui?”, escolhendo 05 alternativas entre uma lista de 24 valores a partir dos itens do Questionário de Valores Psicossociais (QVP-24) (PEREIRA; CAMINO; COSTA, 2005), para avaliar quatro sistemas de valores (religioso, hedonista, materialista e pós-materialista).

Os dados foram analisados com o auxílio do *software* francês SPAD-T para análise de dados textuais (LEBART; SALEM, 1994), por meio da análise fatorial de correspondência e de clusterização, realizadas por meio do procedimento ASPAR.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Associadas ao termo indutor ‘mulher cigana’, foram produzidas 3.004 evocações, com média de 4.7 associações por participante, sendo que o número de elementos distintos foi de 337. Na Tabela 1, apresenta-se a análise fatorial de

correspondência entre os fatores 3 e 4⁴, para o campo representacional de mulher cigana, segundo os participantes do estudo.

No terceiro fator (2.07% de inércia), sobre o polo à esquerda, encontra-se a imagem de uma mulher que vivencia uma condição *marginalizada* (c.a. = 3.3) e *desfavorecida* (c.a. = 6.8), em que, por *tradição* (c.a. = 2.5) derivada de uma *cultura* (c.a. = 1.3) *diferente* (c.a. = 2.5) da cultura hegemônica não cigana, encontra-se submetida ao universo masculino no interior do seu próprio grupo (*submetida aos homens*, c.a. = 3.5; *submissa*, c.a. = 4.3; *coagida*, c.a. = 2.4). Com a tarefa de *cuidar da família* (c.a. = 2.7) e dos *filhos* (c.a. = 1.4), trata-se de uma *mãe* (c.a. = 1.6), geralmente jovem (*mãe jovem*, c.a. = 3.4) e com *muitos filhos* (c.a. = 1.3), que desempenha o papel de *chefe de família* (c.a. = 5.1) e *dona de casa* (c.a. = 3.2).

No polo oposto (à direita), contudo, emerge um quadro de significados marcadamente negativos. A cigana é, nesse caso, descrita como *aproveitadora* (c.a. = 4.9), que *usa os filhos* (c.a. = 6.0) para conseguir dinheiro na rua, incomodando (*incomoda*, c.a. = 2.7; *mal-educada*, c.a. = 1.3) as pessoas com suas histórias inventadas (*mentirosa*, c.a. = 3.3) e aparência *suja* (c.a. = 2.3). É, portanto, vista como uma mulher *má* (c.a. = 1.9), que, ao invés de trabalhar (*preguiçosa*, c.a. = 2.0), prefere roubar (*ladra*, c.a. = 3.1) e agir como uma *prostituta* (c.a. = 1.9), seduzindo os homens (*sedutora*, c.a. = 2.7) graças ao poder de sua beleza (*bonita*, c.a. = 2.3) e à capacidade de gerar *mistério* (c.a. = 1.7). Esse eixo foi definido a partir da contraposição entre ‘Mãe submissa’ vs. ‘Mulher traiçoeira’, tendo em vista seu campo semântico característico.

No quarto eixo (1.93% de inércia), no polo inferior, a cigana é descrita como uma *mulher* (c.a. = 3.7) *enganadora* (c.a. = 4.2), porém *batalhadora* (c.a. = 3.2), *sem casa* (c.a. = 2.7), *pobre* (c.a. = 6.7) e *sofrida* (c.a. = 2.5), que trabalha como *vidente* (c.a. = 1.7) fazendo *leitura de cartas* (*cartomante*, c.a. = 4.8) e de *mão* (c.a. = 1.6). Essa é uma mulher que se distingue das demais pela sua *cultura* (c.a. = 1.1) *diversa* (c.a. = 3.6), seus *vestidos* (c.a. = 4.6) e seu comportamento *grotesco* (c.a. = 1.1).

⁴ Informa-se que os resultados provenientes da análise do cruzamento dos fatores 1 e 2 foram apresentados no manuscrito ‘Representações sociais de mulher cigana entre população não cigana brasileira e italiana: ancoragem psicológica, social e psicossocial’, em avaliação em um periódico de Psicologia.

Tabela 1. Análise fatorial das representações sociais de mulher cigana

		Mãe submissa (polo esquerda)				Mulher traiçoeira (polo direita)			
Fator 1		Chefe de família	Cultura	Mãe	Submetida aos homens	Aproveitadora	Ladra	Mentirosa	Prostituta
		Coagida	Desfavorecida	Mãe jovem	Submissa	Bonita	Má	Mistério	Sedutora
		Cuida da família	Diferente	Marginalizada	Tradição	Incomoda	Mal-educada	Preguiçosa	Suja
		Cuida dos filhos	Dona de casa	Muitos filhos					
		Ancoragens				Ancoragens			
		Psicossocial		Social		Psicossocial		Social	
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Simpatizantes ▪ Receosos ▪ Pós-materialistas 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sexo feminino ▪ Italianos 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aversivos ▪ Hedonistas ▪ Materialistas 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sexo masculino ▪ Brasileiros 	
		Maga trapaceira (polo inferior)				Mãe pobre (polo superior)			
Fator 2		Batalhadora	Enganadora	Mulher	Sofrida	Boa	Desfavorecida	Mãe jovem	Saias longas
		Cartomante	Grotesca	Pobre	Vestidos	Bonita	Esmola	Mistério	Usa os filhos
		Cultura	Leitura de mão	Sem casa	Vidente	Cabelos longos	Grávida	Rodeadas de crianças	Vaidosa
		Diversa				Coagida	Livre		
		Ancoragens				Ancoragens			
		Psicossocial		Social		Psicossocial		Social	
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Religiosos 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sexo masculino ▪ Brasileiros 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pós-materialistas 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sexo feminino ▪ Italianos 	

Nota. Análise do cruzamento dos eixos fatoriais 3 e 4. Para determinar o nível de aceitação das categorias, utiliza-se a regra $c.a. \geq 100/n$ de categorias ($c. a. \geq 1.06$), enquanto que, para determinar o nível de aceitação das variáveis suplementares, utiliza-se o critério $V\text{-test} \geq |2|$.

No polo oposto (na parte superior), ainda no Fator 4, retrata-se a imagem de uma *mãe jovem* (c.a. = 4.7), *grávida* (c.a. = 1.4), *boa* (c.a. = 1.3), *bonita* (c.a. = 3.9) e *vaidosa* (c.a. = 1.9), que com seus *cabelos longos* (c.a. = 1.3) e *saias longas* (c.a. = 2.2), caminha pelas ruas *rodeadas de crianças* (c.a. = 5.3), criando um ar de *mistério* (c.a. = 1.1) e de liberdade (*livre*, c.a. = 5.6). Contudo, em função da situação de *desfavorecimento* (c.a. = 1.1), sobretudo econômico, é *coagida* (c.a. = 4.61) a *usar os filhos* (c.a. = 1.7) para pedir *esmola* (c.a. = 3.2). Considerando a polaridade desse fator, este foi nomeado de ‘Maga trapaceira’ vs. ‘Mãe pobre’.

A análise do processo de ancoragem social das representações sociais permite conhecer como os significados construídos acerca de determinado objeto social estão apoiadas em experiências compartilhadas pelos sujeitos, segundo seus contextos de inserção (DOISE, 1992), tais como sexo e nacionalidade.

Tendo em vista o campo representacional identificado, contribuem para a construção da ‘mulher cigana’ a partir da imagem da ‘Mãe submissa’ (Fator 3) e da ‘Mãe pobre’ (Fator 4) os participantes de sexo feminino (Fator 3: V-test = -5.9, coord3: -.07; Fator 4: V-test = 3.9, coord4: .04) e aqueles de nacionalidade italiana (Fator 3: V-test = -6.3, coord3: -.13; Fator 4: V-test = 9.0, coord4: .19), enquanto os homens (Fator 3: V-test = 4.8, coord3: .18; Fator 4: V-test = -3.9, coord4: -.15) e os brasileiros (Fator 3: V-test = 6.3, coord3: .12; Fator 4: V-test = -9.0, coord4: -.17) concentraram-se na imagem da cigana como uma ‘Mulher traiçoeira’ (Fator 3) ou uma ‘Maga trapaceira’ (Fator 4). Sobre esse conjunto de resultados, é importante ressaltar os efeitos da identidade de gênero no processo de identificação *sujeito da representação – objeto representado*, posto que as mulheres apresentaram o tema da maternidade, destacaram as relações de gênero desiguais e a condição de marginalização social e pobreza, enquanto os homens manifestaram significados mais estereotipados e negativos, assim como os sujeitos de nacionalidade brasileira. Talvez, em função de uma maior interação entre a população local e os grupos ciganos, os italianos tenham elaborado uma imagem mais centrada na descrição da condição de vida dos Roma (etnia cigana presente na Itália) (SIGONA, 2006).

A fim de analisar como os sistemas de crenças e valores atuam sobre a elaboração das representações sociais de mulher cigana, através da análise de classificação hierárquica realizada por meio do procedimento ASPAR, foi possível identificar 3 *clusters* de sujeitos que correspondem a diferentes reações afetivas em

relação aos ciganos (Tabela 2) e 4 *clusters* de sujeitos referentes a diferentes valores psicossociais (Tabela 3).

Conforme dados apresentados na Tabela 1, aqueles que mencionaram respostas afetivas mais favoráveis à interação com membros da etnia cigana, os chamados ‘*Simpatizantes*’ (V-test = -2.8, coord3: -.10), bem como os sujeitos ‘*Receosos*’ (V-test = -2.9, coord3: -.05), estão associados à imagem da mulher cigana como ‘Mãe submissa’, enquanto os participantes que apresentaram sentimentos de aversão, os chamados ‘*Aversivos*’ (V-test = 7.2, coord3: .30), contribuem para a elaboração das representações sociais da cigana como uma ‘Mulher traiçoeira’.

Tabela 2. Reação afetiva frente aos ciganos - clusters de sujeitos em função do conteúdo característico

Cluster 1 Sentimentos negativos (Os receosos) (368 sujeitos)		Cluster 2 Sentimentos negativos (Os aversivos) (121 sujeitos)		Cluster 3 Sentimentos positivos (Os simpatizantes) (147 sujeitos)	
Elementos	V-test	Elementos	V-test	Elementos	V-test
Insegurança	9.19	Desprezo	14.20	Tranquilidade	12.51
Indiferença	6.85	Nojo	10.36	Simpatia	10.81
Desconfiança	5.16	Antipatia	9.40	Admiração	10.46
Tristeza	4.41	Pânico	8.44	Encantamento	8.54
Ansiedade	3.77	Raiva	7.81	Respeito	8.01
Medo	3.32	Aversão	7.01	Afeiçoão	6.37
Curiosidade	3.16	Mal-estar	5.28	Solidariedade	5.82
		Medo	3.97	Empatia	5.51
				Alegria	5.06
				Curiosidade	4.70

Nota. Listagem dos termos mais frequentes segundo critério V-test $\geq |2|$.

Ainda no que se refere à análise do processo de ancoragem psicossocial, em consonância com a literatura da área (PEREIRA; CAMINO; COSTA, 2005), o sistema de valores revela a associação entre religião e misticismo, valores pós-materialistas e os temas da pobreza e das relações de gênero, bem como o recorte ideológico da valorização capitalista produzindo significados que exaltam a aparência e atributos da esperteza, conforme dados apresentados na Tabela 1 e na Tabela 3.

Tabela 3. Valores psicossociais autoidentificados pelos participantes - clusters de sujeitos em função do conteúdo característico

Cluster 1 Valores Pós-materialistas (228 sujeitos)		Cluster 2 Valores Hedonistas (98 sujeitos)		Cluster 3 Valores Materialistas (125 sujeitos)		Cluster 4 Valores Religiosos (188 sujeitos)	
Elementos	V-test	Elementos	V-test	Elementos	V-test	Elementos	V-test
Justiça social	8.51	Sexualidade	8.35	Lucro	9.34	Temor a Deus	12.28
Igualdade	7.00	Vida excitante	8.00	Riqueza	7.49	Obediência Deus	11.12
Liberdade	3.87	Prazer	6.99	Status	7.33	Religiosidade	8.59
Responsabilidade	3.47	Alegria	2.77	Auto-realização	4.74	Salvação da alma	5.81
Amor	2.57	Sensualidade	2.55	Autoridade	3.87	Fraternidade	4.59
Real. profissional	2.51	Liberdade	2.49	Real. profissional	3.76		
				Sensualidade	3.30		
				Prazer	2.34		

Nota. Listagem dos termos mais frequentes segundo critério V-test $\geq |2|$

Por meio dos resultados analisados, identificou-se que os sujeitos que apresentam, principalmente, valores do tipo *pós-materialista* estão associados à imagem da cigana como ‘Mãe submissa’ (Fator 3: V-test = -5.2, coord3: -.14) e ‘Mãe pobre’ (Fator 4: V-test = 3.4, coord4: .09). Aqueles que, por sua vez, manifestam sistemas de valores *hedonistas* (V-test = -3.1, coord3: -.15) e *materialistas* (V-test = 3.7, coord3: .15) representam a cigana como uma ‘Mulher traiçoeira’, enquanto os sujeitos *religiosos* (V-test = -4.8, coord4: .14) estão mais ligados à dimensão mística, vendo a cigana como uma ‘Maga trapaceira’.

Considerando o campo semântico identificado, bem como os processos de ancoragem que organizam as representações sociais de mulher cigana entre não ciganos, discute-se a dinâmica constitutiva desses significados, amplamente sustentados em um processo de ancoragem histórica, e sua função para o contexto das relações sociais contemporâneas (MENDES, 2015; MOSCOVICI, 2009; TEIXEIRA, 2008).

O conjunto de resultados encontrados indicou que sujeitos que apresentaram valores *pós-materialistas* e reação afetiva de *receio* ou de *simpatia* em relação aos ciganos, contribuíram mais fortemente para a elaboração das representações sociais de mulher cigana a partir do tema da pobreza, da maternidade e de relações de gênero desiguais (‘Mãe submissa’ e ‘Mãe pobre’). O tema da desonestidade e do poder de manipulação (‘Mulher traiçoeira’), por sua vez, esteve associado aos participantes que integram os grupos com valores *hedonistas* e *materialistas*, e ainda quem apresentou sentimentos de *aversão* aos ciganos, caracterizando um núcleo de significação marcadamente orientado pela força do preconceito. Como uma dimensão clássica dos

estereótipos associados aos ciganos, o misticismo ('Maga trapaceira'), como esperado, foi colocado em relevo no campo representacional a partir de sujeitos com valores *religiosos*, refletindo um trabalho secular de construção social e de práticas excludentes (MOONEN, 2011).

A negação do modo de vida cigano, tido como estranho e ameaçador, é uma das marcas do contato entre as culturas cigana e não cigana em muitos territórios, especialmente no que se refere aos grupos mais tradicionais - que são nômades, vivem em barracas, usam roupas típicas, falam uma língua de domínio exclusivo do grupo, possuem uma cultura com transmissão oral, crenças e regras endogrúpicas próprias (lei cigana como lei suprema), prática da magia (quiromancia), além de fases do desenvolvimento e socialização diferentes das sociabilidades não ciganas (BONOMO; SOUZA; BRASIL; LIVRAMENTO; CANAL, 2010; MENDES, 2008).

Sobre a ancoragem histórica dos significados encontrados, parece ser importante ressaltar que, sem pátria de referência e fora do sistema econômico de produção, os ciganos em sua diáspora pelo mundo praticavam a quiromancia e cometiam pequenos furtos para sobreviver. Logo, eram considerados pelos não ciganos como ladrões, vagabundos, mentirosos, bruxos e praguejantes, perigosos e fora da lei (TEIXEIRA, 2008).

No que se refere à imagem mística das mulheres ciganas, das diversas influências que contribuíram para a demonização da imagem dos ciganos, o contato com o cristianismo, certamente, teve e tem expressiva força na constituição do imaginário social associado ao povo cigano (MOSCOVICI, 2009). No século XV, com a chegada dos grupos ciganos na Europa, fundamentalmente cristã, especulações sobre a origem dos ciganos apoiaram-se em credices e escritos bíblicos: foram qualificados como amaldiçoados, condenados a vagar pelo mundo por descenderem de Caim, por terem negado abrigo a José e Maria na volta do Egito ou por terem forjado os pregos usados para a crucificação de Jesus Cristo (MOONEN, 2008).

Como nômades, nos diferentes lugares em que passavam, assumiam a função religiosa de bode expiatório (grupo depositário), sendo os eternos culpados de todas as mazelas ocorridas com os grupos de contato. Foram, durante os últimos séculos, alvo da igreja, preocupada com formas de magia (a leitura de mãos e a previsão do futuro) praticadas pelas mulheres do grupo. Traiçoeiras, com a natureza voltada ao que não é certo, elas deveriam ser submetidas ao domínio do universo masculino. As mulheres

ciganas como portadoras do mal tiveram parte de sua imagem construída, portanto, na bricolagem *mulher cigana - feitiçaria*, que, sob o martelo das bruxas, foram condenadas e executadas nos tribunais eclesiásticos.

Considerando esse imaginário e sua dimensão valorativa, o que se verifica é que, associados a conceitos fundamentados em estereótipos negativos, atos de *anticiganismo* são recorrentes, em diferentes contextos e nacionalidades (MOSCOVICI, 2009), configurando-se como doutrina de hostilidade e de extermínio, que, ao longo da história do grupo variou de insultos e agressões verbais até escravidão, prisão, deportação, isolamento, integração forçada e genocídio. A questão que decorre dessas construções sociais é que, ainda na atualidade, esses tribunais operam excluindo os grupos ciganos das sociabilidades consideradas legítimas, demonizando seus diversos segmentos étnicos e produzindo efeitos de desumanização e infra-humanização (BERTI; PIVETTI; BATTISTA, 2013), cujo propósito é produzir dinâmicas que justifiquem a violação dos direitos dos povos ciganos; em alguns casos invisíveis às políticas públicas (como no Brasil), e, em outros, alvo de políticas que preveem processos de aculturação ou estabelecimento de fronteiras entre ciganos e não ciganos (como na Itália).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição central que norteou o desenvolvimento desse estudo consistiu em analisar as representações sociais de mulher cigana entre não ciganos de nacionalidades brasileira e italiana, revelando aspectos das representações hegemônicas acerca do grupo social cigano. Como principais representantes de sua etnia no imaginário social não cigano, as mulheres ciganas foram representadas a partir das temáticas do misticismo, da pobreza, da submissão ao universo masculino e da ideia de desonestidade e trapaça. Verificou-se ainda que sentimentos e valores sociais atuam na elaboração dessas imagens, favorecendo a manutenção de preconceito contra membros dessa categoria social.

Como produto da cultura, ancorada em escolhas históricas que envolvem relações de conflito e de interesses segundo a ideologia vigente, as representações sociais podem atuar como “gaiolas mentais”, dificultando processos de atualização dos objetos sociais no pensamento social, o que denota a importância de desenvolvimento de estudos nessa esfera para fins de proposição de novas práticas sociais. Nesse sentido,

a Psicologia Social pode fornecer importantes contribuições à análise dos processos que integrem as macro-produções sociais às práticas cotidianas dos indivíduos e grupos sociais (DOISE, 2002), podendo servir como recurso para se pensar estratégias de intervenção em construções psicossociais como o preconceito e a discriminação social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. O. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**, v. 24, n. 3, p. 713-737, 2009.
- BERTI, C.; PIVETTI, M.; Di BATTISTA, S. The ontologization of Romani: an italian study on the cross-categorization approach. **International Journal of Intercultural Relations**, n. 37, p. 405-414, 2013.
- BERTI, C.; PIVETTI, M.; MELOTTI, G. Dal “public understanding of science” allo “scientific understanding of public”: rappresentazioni sociali del progetto genoma umano. **Psicologia sociale**, n. 2, p. 283-306, 2008.
- BONOMO, M.; SOUZA, L.; BRASIL, J. A.; LIVRAMENTO, A. M.; CANAL, F. D. Gadjés em tendas Calons: um estudo exploratório com grupos ciganos semi-nômades em território capixaba. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 4, n. 2, p.160-171, 2010.
- CABECINHAS, R. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 125-137, 2004.
- DOISE, W. **La forza delle idee: rappresentazioni sociali e diritti umani**. Bologna: Il Mulino, 2002.
- DOISE, W. L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. **Bulletin de Psychologie**, v. 45, p. 189-195, 1992.
- DOISE, W.; CLÉMENCE, A.; LORENZI-CIOLDI, F. **Rappresentazioni sociali e analisi dei dati**. Bologna: Il Mulino, 1992.
- FONSECA, I. **Enterrem-me em pé: a longa viagem dos ciganos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- KAYA, I.; ZENGEL, R. A marginal place for the Gypsy community in a prosperous city: Izmir, Turkey. **Cities**, v. 22, n. 2, p. 151–160, 2005.
- LERMO, J.; ROMÁN, J.; MARRODÁN, M.D.; MESA, M.S. Modelos de distribución de apellidos en la población gitana española. **Antropo**, n. 13, p. 69-87, 2006.
- MENDES, M. M. Nos interstícios das sociedades plurais e desigualitárias: a situação social dos ciganos. **Escola Superior de Educação de Viseu**, p. 32-41, 2015.
- MENDES, M. M. **Representações sociais face a práticas de discriminação: ciganos e**

imigrantes russos e ucranianos na AML. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA. Tema: Mundos sociais: saberes e práticas. Associação Portuguesa de Sociologia. 5., 2008. **Anais...** Lisboa, 2008.

MOONEN, F. **Anticiganismo na Europa e no Brasil**. 3. ed. rev. e atual. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2011.

MOONEN, F. **Anticiganismo na Europa**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. **European Journal of Social Psychology**, n. 18, p. 211-250, 1988.

MOSCOVICI, S. Os ciganos entre perseguição e emancipação. **Sociedade e Estado**, v. 24, n. 3, p. 653-678, 2009.

OLIVÁN GONZALVO, G. Niños gitanos matratados: factores de riesgo sociosanitarios y necesidades sanitarias prioritarias. **Anais de Pediatria**, v. 60, n. 1, p. 28-34, 2004.

PEREIRA, C.; CAMINO, L.; COSTA, J. B. (2005). Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 1, p. 16-25.

SCHOLZ, R. Homo Sacer e "Os Ciganos": O Anticiganismo – Reflexões sobre uma variante essencial e por isso "esquecida" do racismo moderno. **Revista Exit!**, n. 4, p. 1-29, 2007.

SIGONA, N. **Political Participation and Media Representation of Roma and Sinti in Italy**. The Case Studies of Bolzano-Bozen, Mantua, Milan and Rome, OECD Report, 2006.

SOUZA, L. Alteridade, processos identitários e violência acadêmica. In: ROSA, E. M.; SOUZA, L.; AVELLAR, L. Z. (Orgs.). **Psicologia social** :temas em debate. Vitória: UFES-ABRAPSO, 2008. p. 169-198.

TEIXEIRA, R. C. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: NEC, 2008.

VENTURA, M. C. S. P. **A experiência da criança cigana no Jardim de Infância**. Braga: Universidade do Minho, 2004.